

O orgulho português e a escrita da História em António da Silva Rego (1906-1986)

Luis Fernando Tosta Barbato

Universidade Estadual de Campinas

Campinas - São Paulo - Brasil

lfbarbato@gmail.com

Resenha da Obra: REGO, António da Silva. *Estudos de História Luso-Africana e Oriental (Séculos XVI – XIX)*. Lisboa: MCMXCIV, 1994.

Introdução

O livro *Estudos de História Luso-Africana e Oriental (Séculos XVI – XIX)* é, na verdade, uma coletânea de artigos de António da Silva Rego (1906-1986), que foi professor do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina (Lisboa) e especialista em história do Império Português, principalmente em sua vertente oriental.

O livro apresenta sete artigos, sendo que destes, quatro se relacionam diretamente ao tema do Império Português do Oriente. Há ainda dois artigos relacionados à África portuguesa, e um que o autor elogia o membro da Academia Portuguesa de História do qual ocupou a cadeira após seu falecimento. Dividirei a análise da obra através dos capítulos, já esses que são independentes entre si, analisando-os separadamente.

Capítulo I: “Elogio do Dr. Jordão de Freitas”

Como já foi dito, trata-se de um artigo que elogia Jordão de Freitas, historiador e membro da Academia Portuguesa da História, autor de importantes estudos acerca da presença de Camões em Macau.

Esse artigo é interessante pois denota a concepção de história defendida por Rego, e assim, o que permeará por todo o livro. Apresenta sua biografia de forma tradicional e metódica, começando pelo local de nascimento, sua filiação, colégios e faculdades que frequentou, e assim por diante, mostrando um grande apego à tradição.

Elogia Jordão de Freitas por se tratar de um historiador rígido, “que não exitaria em corrigir uma data, um grafar diferentemente um nome” (p. 23). Rego diz lamentar-se por nos dias atuais¹ não haver mais pessoas como Freitas “dispostas a corrigir, a repor a verdade no lugar, a chamar constantemente a atenção para a necessidade da exatidão histórica” (p. 23).

Percebemos por esse artigo de introdução que Rego se trata de um historiador que guarda resquícios da metodologia positivista em sua obra, e por isso, valoriza as datas e nomes, as relações políticas, militares e diplomáticas e é bastante factual. Seus relatos são feitos com grande embasamento documental, e assim, acredita trazer aos leitores uma história plenamente verificável através da imersão na pesquisa documental, tal qual era a praxe de finais do século XIX e início do século XX.

Capítulo II: “Duarte Catanho, Espião e Embaixador”

Esse artigo traz a história de Duarte Catanho, espião veneziano, a serviço do Grão-Turco Solimão II, e que, ao se entregar às autoridades coloniais portuguesas, por sentir-se como traidor da Cristandade, é nomeado como diplomata do Império Português.

Esse artigo é interessante por mostrar o perigo que os turcos representavam no Oriente, e o temor que a Europa tinha deles. No artigo, são descritas várias tentativas e acordos comerciais, comandados por Catanho, entre os portugueses e os turcos, e o poderio desses muçulmanos é ressaltado durante toda a narrativa, no momento em que eles ameaçam atacar as possessões portuguesas na Índia caso não recebam impostos.

Nesse artigo, Rego narra uma batalha na qual os turcos tentam tomar a possessão portuguesa de Dio, e mesmo estes contando com um número muito menor de defensores, conseguem derrotar os atacantes e manter assim a ilha. Rego trata desse episódio como sendo uma “estrondosa vitória de Portugal” (p. 36), e assim observamos mais um aspecto

¹ Referente a 1956, quando escreveu esse artigo.

presente em toda sua obra: o sentimento ufanista em relação a Portugal e seu povo. No mais, o artigo deixa claro o gosto do autor pela história diplomática, já que os acordos comerciais são descritos de forma detalhada e minuciosa.

O final do artigo, no qual se descobre que Catanho ainda estava a serviço dos turcos, Rego afirma isso se tratar de mais um exemplo da força portuguesa no passado, afirmando que o episódio aconteceu devido à origem veneziana de Catanho, e seu rancor em relação a Portugal, já que este ocupou o lugar de Veneza no mar Mediterrâneo e levou-a assim à decadência econômica (p. 44). Evidenciando mais uma vez o sentimento de orgulho português.

Capítulo III: “Viagens Portuguesas à Índia em Meados do Século XVI”

Trata-se de um artigo bastante extenso e descritivo, dividido em duas partes, sendo que na primeira descreve a viagem em si entre Lisboa e a Índia no século XVI, e na segunda descreve como era a vida a bordo das embarcações.

Logo no início do artigo, traz a documentação utilizada para a escrita do texto, e esses documentos chegam a ocupar três páginas do livro, evidenciando assim a importância dada por Rego ao documento, ressaltando seu apreço às metodologias de história da virada do século XIX para o século XX (p. 47-49).

Na primeira etapa do artigo, Rego traz um panorama de como era essa viagem, desde sua partida do Tejo, até sua chegada em Goa ou Cochim, relatando todas as etapas da jornada, descrevendo as condições climáticas, os esforços para fugir das calmarias da Guiné, entre outros assuntos referentes às navegações. É interessante que, para respaldar isso, o autor traz documentos que servem como relatórios das viagens, mostrando com precisão as datas em que partiram e chegaram os navegadores em cada ponto da rota. São no total os relatos de dez embarcações (p.52-56).

Já na segunda parte do artigo, ele relata a vida dos passageiros e tripulantes dos navios nessas viagens, mostrando como eles se portavam perante as brigas, as doenças, as tempestades e os acidentes. Esse artigo é muito descritivo, e apesar de tratar das viagens de Portugal até à Índia, não sucinta questões interessantes, além das descrições.

Capítulo IV: “A Academia Portuguesa da História e o II Centenário da Fábrica de Ferro em Nova Oeiras, Angola”

Esse artigo traz o bicentenário de uma antiga fábrica de ferro portuguesa em Angola, no qual houve uma cerimônia de comemoração e membros da Academia Portuguesa da História participaram.

Esse pequeno artigo é interessante por trazer a opinião de Rego a respeito do Iluminismo. A fábrica fora construída em 1773, durante o governo do Marquês de Pombal, portanto, durante o período em que as idéias iluministas estavam em voga no governo português. Rego critica o Iluminismo por acreditar que, para ele, o homem é autossuficiente, e que ele não precisa de mais nada além de si mesmo e de sua razão (p.112-113).

Ele se refere, portanto, à negação do Iluminismo em relação à religião, e isso o abala, já que é muito religioso e defensor do cristianismo, aspecto que ficará muito evidente em artigos que serão posteriormente analisados. No mais, trata-se de mais um artigo descritivo, e ressalta o apego de Rego aos detalhes e à análise documental.

Capítulo V: “A Propósito da Colonização Portuguesa”

Esse artigo é de fundamental importância dentro da obra, já que traz diversos pontos que merecem reflexões. O primeiro deles aparece logo no primeiro parágrafo, no qual afirma que História e Distância são inseparáveis, e que para o historiador fazer uma análise “fria” de seu objeto de estudo, precisa estar dele distante temporalmente no mínimo cinquenta anos. Esse é um traço característico do positivismo e de outras escolas oitocentistas, para o qual o historiador deve manter-se distante de seu objeto de estudo para que assim suas paixões não interfiram em sua análise, que deve ser totalmente impessoal e racional.

Nesse artigo ele também ressalta o valor do povo português, afirmando que a partir de 1415, como a conquista de Ceuta, “iniciou Portugal a sua marcha pelo mundo além, a sua longa série de contactos humanos, a todos levando a sua mensagem de fraternidade, de

humanidade, baseadas no Cristianismo” (p. 130). A valorização do Cristianismo pelo autor também fica evidente na sentença.

Rego, no entanto, não deixa de mencionar as derrotas portuguesas perante seus rivais holandeses, franceses e ingleses, e inicia-se então uma longa descrição das perdas territoriais lusitanas no oriente. No entanto, o sentimento ufanista é o que predomina nesse artigo. Certa vez, Rego afirmou ter ouvido: “os portugueses são a vergonha da raça branca”, essa questão é amplamente debatida por ele.

Começa ressaltando a pequena população do reino, estimada na época em pouco mais de um milhão e meio de habitantes, e que, portanto, segundo ele, era insuficiente para colonizar tão extensa área como era o império português, por isso a cristianização de muitos nativos. Essa cristianização, mais precisamente o batismo, era como se fosse a atual naturalização, e assim, surgiram inúmeros “portugueses” pelo mundo.

As demais nações européias criticaram tal postura de aceitação desses povos pelos portugueses, visto que, além do batismo, a mestiçagem era muito praticada nas colônias. Essa mestiçagem foi bastante criticada no século XIX, época em que as teorias racialistas como o Evolucionismo Social, o Social-darwinismo e o Determinismo surgiram, e para tais teorias o mestiço degenerava a raça pura, tornando-se cada vez mais fracos e incapazes.

Portugal então, visto pelos outros países, estava fazendo um mal à “raça branca” já que a enfraquecia com seus cruzamentos. Apesar dessas teorias já estarem ultrapassadas no período em que Rego escreveu esse artigo, elas ainda pareciam influenciar bastante o sentimento português.

Rego encerra o assunto dizendo que o presidente do Brasil Juscelino Kubitschek, ao discursar em Lisboa, disse: “os brasileiros sentem hoje nostalgia da unidade com Portugal”. E com isso dá início a uma série de demonstrações de orgulho de Portugal, afirmando que este país deixou para trás um sincero rastro de saudade e de sentimento cristão, mesmo sendo escoraçados pelas suas colônias. E que é provável que no futuro todas as colônias recém-independentes também venham a sentir o mesmo sentimento que o Brasil, o sentimento da “nostalgia da unidade” (p. 137).

Esse artigo é muito interessante justamente para ressaltar esse ufanismo do historiador Rego e a contradição que ele representa dentro do seu objetivo de escrever uma história verdadeira e isenta de paixões.

Capítulo VI: “Macau entre duas crises (1640-1688)”

Esse artigo traz uma história bastante factual de Macau no período em que o Japão cortou ligações comerciais com a colônia, e também no momento em que havia guerras dinásticas na China, por isso esse título.

Esse artigo é interessante por mostrar o lado cristão do historiador, já que em meio a tantos relatos diplomáticos e políticos, ele ressalta o de uma embaixada enviada ao Japão para reaver acordos comerciais e que foi condenada a morte pelo governo local, no entanto, a pensa seria suspensa caso eles negassem a fé cristã, coisa que não ocorreu com nenhum dos 70 membros da comitiva (p. 144).

Por esse fato, Rego demonstra ter bastante orgulho, já que é a segunda vez que ele aparece no livro (p. 133). O valor cristão é ressaltado principalmente pelo fato de haverem escravos, e homens de várias origens (hindus, chineses, timorenses, filipinos...) na comitiva, e nenhum deles negou a fé cristã, o que para ele ressalta o poder do Cristianismo. No mais, trata-se de mais um artigo bastante factual, no qual a história diplomática é bastante valorizada.

Capítulo VII: “Correspondência da Senhora de Muxima”

Esse artigo traz aspectos da vida religiosa em Angola, retirados a partir da análise da correspondência enviada por fiéis a Nossa Senhora da Conceição de Muxima. Rego traz uma grande descrição da vida em Angola e como os cristãos pensam a respeito de questões como a poligamia, as questões raciais, as relações entre os patrões e empregados, entre outros. Trata-se de um belo relato sobre a vida dos cristãos em Angola, e ressalta o caráter religioso no autor.

Conclusão

A leitura desse livro permitiu-nos entrar em contato com uma historiografia portuguesa de caráter ainda positivista sobre o império colonial português no Oriente. Deparamos-nos com textos com características marcadamente das tradições historiográficas oitocentistas, como a busca da verdade total e da imparcialidade, o gosto por datas e nomes, a preferência pela história política, militar e diplomática, e a “cientificidade” expressa pelo grande corpo documental que embasou a pesquisa.

No entanto, notamos que Rego não conseguiu manter-se afastado de suas paixões, já que deixou seu brio português abalado transparecer e a sua fé cristã entremear todo seu texto. Apesar disso, trata-se de um belo texto para quem quer dados sobre a colonização portuguesa no Oriente.

SOBRE O AUTOR

Luis Fernando Tosta Barbato é doutorando em História Cultural no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Bolsista da FAPESP.

Recebido em 30/11/2014

Aceito em 10/12/2014